



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

CONSTRUÇÕES BINOMINAIS QUALITATIVAS SOB A PERSPECTIVA DA
LEXICALIZAÇÃO

NUCIENE CAROLINE AMPHILÓPHIO FUMAUX

Rio de Janeiro
2016

NUCIENE CAROLINE AMPHILÓPHIO FUMAUX

CONSTRUÇÕES BINOMINAIS QUALITATIVAS SOB A PERSPECTIVA DA
LEXICALIZAÇÃO

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras
na habilitação Português/ Literaturas.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Karen Sampaio Braga Alonso

Rio de Janeiro

FUMAUX, NUCIENE CAROLINE AMPHILÓPHIO FUMAUX.

CONSTRUÇÕES BINOMINAIS QUALITATIVAS E LEXICALIZAÇÃO: UM ESTUDO CENTRADO NO USO/ NUCIENE CAROLINE AMPHILÓPHIO FUMAUX – 2016.

26 F.

ORIENTADOR: KAREN SAMPAIO BRAGA ALONSO.

MONOGRAFIA (GRADUAÇÃO EM LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS – LITERATURAS) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, CENTRO DE LETRAS E ARTES, FACULDADE DE LETRAS.

BIBLIOGRAFIA: F. 25-26.

1. ASSUNTO (CONSTRUÇÕES BINOMINAIS QUALITATIVAS). 2. ASSUNTO (LEXICALIZAÇÃO). I FUMAUX, NUCIENE CAROLINE AMPHILÓPHIO II - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, FACULDADE DE LETRAS, (2016) III. TÍTULO.

AGRADECIMENTOS

É chegado o momento tão esperado durante a graduação, o momento de conclusão. Agora que ele chegou, já não sei mais como me sentir em relação à ele, embora na maior parte do tempo, o sentimento seja de extrema felicidade e de gratidão por ter chegado até aqui.

Primeiramente, eu gostaria de agradecer a Deus, pois sem ele nada disso teria sido possível. Por todas as vezes que ele acalmou perante os momentos difíceis, por todas as vezes que rezei, e ele me ouviu, obrigada, senhor.

Agradeço ao meu irmão e aos meus pais, que fizeram de tudo para que eu chegasse até aqui e para que a minha formação fosse a melhor possível. Obrigada por tudo, pelo apoio incondicional as minhas escolhas, por serem meus amigos, e por ser os professores da vida mais importantes que eu poderia ter.

Obrigada, Vinícius, por todas as vezes que você escutou as minhas apresentações, mesmo sem entender totalmente o que eu estava dizendo. Por ter sido paciente, amigo e o melhor namorado que eu poderia ter. Sem a sua cumplicidade e torcida teria sido infinitamente mais difícil.

Dennis, uma das coisas mais importantes que o D&G me trouxe, sem dúvidas, foi a sua amizade. Você é um anjo na minha vida, eu tenho sorte de ser sua amiga. Obrigada.

Obrigada a todos os amigos que fiz na faculdade e que sorriram e choraram comigo, torceram por mim até o final. Diana, Larissa, Carlos, Fernanda, Barbara e todas As Letradas, o meu sincero obrigada. A todos os amigos que torceram de longe por mim, os meus sinceros agradecimentos.

Por fim, mas não menos importante, obrigada, Karen. Por todos os momentos que eu te pertubei na sua casa, por ficar te lembrando as datas, pela sua orientação que faz com que eu vá além do que poderia imaginar, e pelo carinho, sem você não seria possível. Deise, obrigada, por ter coorientado essa pesquisa, por me ajudar muito nas JICs, e pelo carinho com que sempre esteve disposta a me ajudar. Obrigada a todos os profs. e membros do D&G, que sempre me incentivaram e tiveram bons conselhos. E a você, Maura, que despertou em mim, ainda no 1º período, o amor pela Linguística. Você é a responsável por tudo isso.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	2
2.1. OBJETIVO GERAL	2
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	2
3. REVISÃO DA LITERATURA	3
4. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	5
3. METODOLOGIA	10
5.1. Mesoconstruções	12
5.1.1. Metaforização	12
5.1.2 Parte-todo	12
5.1.3 Tipificação	13
5.2. Subconjuntos Metaforização	14
5.3. Subconjuntos Parte-todo	15
5.4. Subconjuntos Tipificação	15
6. ANÁLISE DE DADOS	17
6.1 Uso metafórico	17
6.1.1. Análise da mesoconstrução Metaforização	17
6.2. Uso não metafórico	18
6.2.1. Análise da mesoconstrução <i>Parte-todo</i>.	18
6.2.2. Análise da mesoconstrução <i>Tipificação</i>.	19
6.3. Resultados	21
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

1- Introdução

A presente pesquisa possui como objetivo analisar as construções binominais qualitativas do português brasileiro. As construções em foco são consideradas binominais por apresentarem uma relação entre dois nomes, com a forma N1 de N2, como nos exemplos *baqueta de bar*, *palito de dente*, *garrafa de vinho* e *banho de mar*, e são qualitativas por apresentarem uma relação de especificação entre esses nomes, como no trecho abaixo:

“Esses hotéis modernos... Espera um pouquinho. O que eu estou fazendo num hotel? Fui dormir ontem à noite na minha cama e acordo numa **cama de hotel**? Ou não foi ontem à noite, já se passaram dias e eu é que não me lembro?”
(VERISSIMO, 2011, Pág. 23)

No exemplo acima, *hotel* é a especificação de qual o tipo de cama, ou seja, há uma relação de qualificação (atribuição de uma qualidade) no construto binominal. Podemos, ainda, considerar que *hotel* opõe-se diretamente a outras combinações possíveis para *cama*, como *cama de hospital*, *cama de casal* e etc.

A pesquisa foi realizada com base nos pressupostos da corrente chamada Linguística Funcional Centrada no Uso e utilizou como *corpus* o livro de crônicas “Em algum lugar do paraíso”, de Luis Fernando Verissimo, que, por se tratar de um livro com linguagem menos formal, acreditamos favorecer o uso destas construções.

Nesta pesquisa, procuramos descrever as construções binominais qualitativas, a partir da proposta de Goldberg (1995 e 2006) da Gramática das Construções, e classificar os dados em níveis de lexicalização, segundo a análise de Brinton e Traugott (2005), que postulam que os itens do léxico podem enquadrar-se em uma escala que varia de um nível mais baixo de lexicalização até o mais lexicalizado (L1 < L2 < L3). Também julgou-se necessário separá-los na hierarquia de mudança construcional estabelecida por Traugott (2008), a saber: macroconstruções, mesoconstruções, microconstruções e construtos.

2- Objetivos

A seguir encontramos o objetivo geral e os específicos desta presente pesquisa.

2.1. Objetivo geral:

- Analisar o grau de lexicalização das construções binominais qualitativas no português brasileiro.

2.2. Objetivos específicos:

- Identificar as propriedades semântico-pragmáticas das construções binominais qualitativas.
- Distribuir as construções binominais qualitativas em níveis de lexicalização.
- Verificar qual(is) o(s) grupo(s) está(ão) mais propenso(s) ao nível mais alto de lexicalização.

3- Revisão da literatura

Nesta parte da pesquisa, procuramos resgatar alguns trabalhos sobre Construções Binominais, a fim de entender melhor a sua semântica, pragmática e sintaxe, além da relação de mudança entre seus constituintes. Desta forma, podemos adquirir as informações necessárias sobre o assunto, visando, assim, uma melhor análise do tema. Começaremos, então, por Alonso (2010).

A autora possui como objetivo descrever as construções binominais quantitativas do tipo um N1 de N2 (ex.: *um litro de leite, uma cambada de crianças, um pouco de pão* etc.) e entender as suas propriedades, como pareamento de forma e sentido. Além disso, descreveu a relação entre construções binominais quantitativas e construções de modificação de grau do tipo um N Adj. (*um pouco cansada, um bocado triste*, etc.). Para explicar essa relação, a autora se valeu da reanálise estrutural da construção – a partir da qual o segmento *um N* passou a assumir função adverbial, formando a

construção *um N Adj.* – e da metáfora *mais é melhor*, em que a relação qualitativa/avaliativa, mais abstrata, é mapeada na quantitativa, mais concreta. A reanálise está diretamente ligada à frequência de uso da construção e a metáfora baseia a mudança atrelada ao entendimento de que construções do tipo *um N de N* geram outras construções do tipo *um N Adj.*

Para tratar da mudança, a autora utiliza o conceito de *mismatch*, de Francis e Michaelis (2003), que diz que o desacordo (*mismatch*) ocorre quando se identifica alguma contradição no pareamento de forma e função de uma estrutura linguística ou entre uma construção e algum item que a instancia, as concepções de gramática são, então, de vital importância para o desenvolvimento da arquitetura gramatical (Francis e Michaelis, 2003 apud Alonso, 2010).

Portanto, segundo Alonso (2010), podemos entender este fenômeno como uma possível explicação para um nome não-delimitado passar a ser conceituado como delimitado, dentro de uma estrutura sintática definida. Por exemplo, “um quilo de farinha”, que pode adquirir traços [+ contável], [+delimitado], deixando, assim, de ser entendida como massa e passando a ser delimitável. Logo, ocorreu uma mudança na semântica de farinha.

A presente pesquisa também tomou por base o artigo “Grammaticalization, constructions and the incremental development of language” de Traugott, lançado em 2008. A autora teve como objetivo discorrer sobre alguns aspectos relativos à relação entre construções linguísticas e gramaticalização, entendendo que a linguagem é um pareamento entre forma e significado.

A autora fala sobre o desenvolvimento de construções modificadoras de grau, a partir de construções binominais partitivas. Segundo ela, estudos históricos de construções do segundo tipo mostram que, em algum momento, todas as construções tiveram participação como construção partitiva. “A sort of”, “a lot of” e “a shred of” esboçam aspectos da gramaticalização, principalmente em relação a mudança entre os dois NP e a localidade das mudanças estruturais e semânticas. Nas construções partitivas, o determinante de NP1 concorda apenas com NP1 e o NP2 pode ser anteposto. [NP1 [of NP2]] “*a piece of the plate*” (Traugott, 2008), nesta construção o NP1 é o núcleo (NP1 + modificador). Nas construções modificadoras de grau, o

determinante de NP1 pode concordar com NP2 e NP2 não pode ser anteposto, [[NP1 of] NP2] “*a sort of a frog*” (Traugott, 2008), aqui o núcleo é o NP2 (modificador + NP2).

Para a autora o esquema de mudança pode ser assim definido: Pré Partitivo > Partitivo > Modificador de Grau > Advérbio de Grau > Adjunto de Grau. Estes esquemas são macro abstrações (“padrões” de mudança) que podem ser observadas em consideráveis períodos de tempo e através de grande quantidade de dados. São extrapolações linguistas: hipóteses sobre o provável desenvolvimento de pares de forma-significado através do tempo, devido aos modos pelos quais falantes e ouvintes criam estratégias de interação.

Trousdale (2012) traça um paralelo com Traugott (2008) sobre construções binominais que originam construções modificadoras de grau. O autor começa dissertando sobre as construções binominais avaliativas. Nestas construções, o primeiro substantivo costuma ser avaliativo, desta forma, demonstra o ponto de vista do falante. Segundo Aarts (apud Trousdale, 2012), ele denota uma propriedade ou qualidade do segundo substantivo. Estabelecendo, assim, uma posição contrária no inglês, em que o predicado precede o substantivo. Estas construções costumam ser usadas como insultos, como no exemplo “*a monster of a man* (um monstro de um homem)” (Aarts, 1998 apud Trousdale, 2012).

Dentro das construções binominais avaliativas, o autor seleciona as H-construções, construções do tipo, “*hell of a NP*”, que se diferem do resto das construções avaliativas por possuírem uma inferência possível para quantidade. De acordo com o autor, são nas posições pré- adjetivais que podemos ver como pode surgir uma inferência pragmática de quantificação, reforçada por analogia com outras microconstruções que se comportam da mesma forma, como a *bit of NP*, que foram estabelecidas nessa época. A função adverbial é estendida em alguns dialetos não-padrões para o modificador de um adjetivo e advérbio, uma instância de expansão da classe-hospedeira e seu status de “unit-like” seja talvez refletido em uma mudança ortográfica, como *hell of a* > *helluva* .

(1) the new game lets you rock two weapons simultaneously, John Woo-style, which is not actually that useful but **hella** fun. (Lev Grossman, The Art of the Visual, Time Magazine, 18 November 2004) (Trousdale, 2012).

(2) Growing up Lucozade was symbolized by that **hella-fine** British decathlete Daley Thompson. (Exemplos da internet, Trousdale, 2012)

A gama de posições sugere, no mínimo, um escopo tão grande como *sort of* e *kind of* e maior do que a *lot (of)* e a *bit (of)*. Pode-se usar, inclusive, com adjetivos usados com hífen, como vemos no exemplo (2), o que sugere a conceituação como um prefixo derivacional, talvez através de uma analogia com *mega*, *ultra* e etc.

Ainda sobre construções binominais, Santos (2014) se propôs analisar um conjunto de construtos, assim como *xícara de chá*, que ora pode ser considerada uma construção qualitativa, ora uma construção quantitativa. Pode-se entender *xícara de chá* como construção qualitativa, se esta estiver especificando o tipo de xícara, no caso de uma construção quantitativa, o sentido da construção estaria relacionado à quantidade de chá.

Segundo a autora, exemplos como o construto *xícara de chá* possuem valor original referente à indicação de tipo de xícara. Elementos como esse, quando instanciam uma construção binominal, passariam por um processo de extensão, e um processo de generalização de contextos, devido a sua frequência de uso. Por conta disso, os elementos perderam seu valor semântico e passaram a estabelecer com o N2 uma relação diferente, de continente-conteúdo. Em relação ao construto *xícara de chá*, a autora propõe, que a construção passou a expressar a quantidade de *chá* que caberia em uma *xícara*. Desta forma, é proposto, então, que que essa generalização de contextos não ocorreria somente com os seis padrões estudados por ela (*copo de SN2*, *garrafa de SN2*, *lata de SN2*, *taça de SN2*, *vidrinhos de SN2* e *potes de SN2*, isso se estenderia também a outros padrões na língua.

4- Pressupostos Teóricos

Para realizar os objetivos do trabalho, além descrever as construções binominais qualitativas, foi preciso entender o fenômeno de Lexicalização. Para tanto, foram necessários alguns estudos sobre a mudança linguística em geral. Segundo a Linguística Funcional Centrada no Uso, em uma análise da língua, não devemos levar em conta somente aspectos formais. É necessário prestar atenção aos aspectos discursivos e

semânticos-pragmáticos, que são influenciados pelo meio social dos falantes. Desta forma, a Linguística Funcional Centrada no uso refuta a separação proposta por Chomsky entre competência e desempenho e passa a estudar as tendências que aparecem nos eventos de uso.

Segundo Martelotta (2011), a base do funcionamento linguístico está na característica humana em formar categorias e dispô-las em diferentes domínios de conhecimento, assim como estabelecer semelhanças entre eles ou fazer analogias. Desta forma, ponderamos que as mudanças linguísticas não são arbitrárias, existe um contexto que motivará o referente escolhido.

De acordo com a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), o contexto sempre deve ser observado, pois uma situação comunicativa específica poderá motivar o uso de uma forma linguística por parte de um falante. De acordo com Tomasello (apud Martelotta, 2011), trata-se de uma abordagem que acredita em uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso dos falantes em um contexto real de comunicação.

O discurso precisa ser analisado, pois pode revelar tendências de alguma situação específica ou até novos padrões que possam ser formados, através de processos como a gramaticalização e a lexicalização, esta utilizada na presente pesquisa. A fala apresenta variantes linguísticas que podem vir a gerar alterações no sistema.

De acordo com Cezario & Furtado (2013), para a LCFU, o comportamento linguístico está diretamente relacionado com as capacidades cognitivas de uma pessoa, que estão ligadas aos princípios de categorização, à organização conceptual e aos aspectos relacionados ao processamento linguístico. As categorizações que fazemos são baseadas na experiência com as construções que já existem na língua e decorrentes com a nossa experiência de mundo.

Esta corrente postula o significado como construção mental. Há, segundo a teoria, um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e crenças socioculturais. A LCFU afirma a importância do contexto para a apreensão do significado. A capacidade humana de compreensão do mundo é refletida na linguagem.

Para a descrição das construções binominais estudadas nesse trabalho, partimos do conceito de Goldberg (1995; 2006) que define construção gramatical como um pareamento de forma e sentido. Um padrão linguístico é reconhecido como construção

desde que aspectos da sua forma ou função não sejam previsíveis a partir de seus constituintes ou a partir de outras construções existentes. Logo, o sentido da construção não é apreendido analisando-se palavra por palavra, mas a construção como um todo.

A Gramática das Construções surge como resposta direta à gramática proposta pela teoria gerativa até então. A Gramática das Construções é condizente com a visão cognitivo-funcional. Segundo Alonso (2010), a Linguística Cognitiva é baseada no paradigma Experiencialista-mentalista. Experiencialista, pois está fundamentada na experiência corpórea do indivíduo (mente corporificada), e mentalista, pois afirma que a cognição humana é responsável para o entendimento que o ser humano apreende da língua e prevê processos cognitivos estáveis na compreensão da linguagem pelo homem.

O objeto de estudo da Gramática das Construções são as construções que por muito tempo foram consideradas exceções da gramática por possuírem sua própria interpretação semântica. Sendo assim, o sentido da construção não pode ser apreendido a partir da soma dos significados das palavras. É o caso de construções como, “cara de pau”, encontrada no *corpus*, a qual não entendemos ser um rosto, literalmente, feito de madeira.

Croft (2001) propõe a noção de construção como um pareamento entre forma e sentido parcialmente arbitrário. Forma (Propriedades sintáticas, Propriedades morfológicas e Propriedades fonológicas), Sentido (Propriedades semânticas, Propriedades pragmáticas e Propriedades discursivo-funcionais). A partir da proposta de Croft, entendemos o sentido da construção de acordo com fatores discursivos e pragmáticos, sem análises baseadas em propriedades gramaticais convencionais, e sim partindo-se do nível de idiomatidade mais simples até o mais complexo.

Os eventos de uso refletem o produto do sistema linguístico do falante, que pode ser o *input* para o sistema de outros falantes, e, desta forma promoveria a mudança linguística. Um falante usa determinada construção, que pode ter sua frequência aumentada; esta construção passa a ser usada por outras pessoas e não somente em determinada situação comunicativa, mas sim em um contexto mais amplo, e, então é incorporada ao sistema. Segundo Bybee (2010), a frequência de uso é um dos elementos mais importantes para a mudança linguística e os mesmos mecanismos que regem a criação lexical regem a criação gramatical.

Sobre mudança, vale dizer que os estudos sobre lexicalização são menos frequentes do que aqueles sobre gramaticalização. A razão disto pode ser o fato de que há menos consenso sobre a definição de lexicalização (Martelotta, 2011). Por conta desse fato, esse estudo que propõe uma análise inédita sobre a lexicalização em construções binominais qualitativas, pode dar uma pequena contribuição para a literatura da área. O fenômeno da lexicalização consiste na atribuição de novos significados às palavras já existentes, compondo novos itens lexicais a partir da combinação ou da modificação dos atuais.

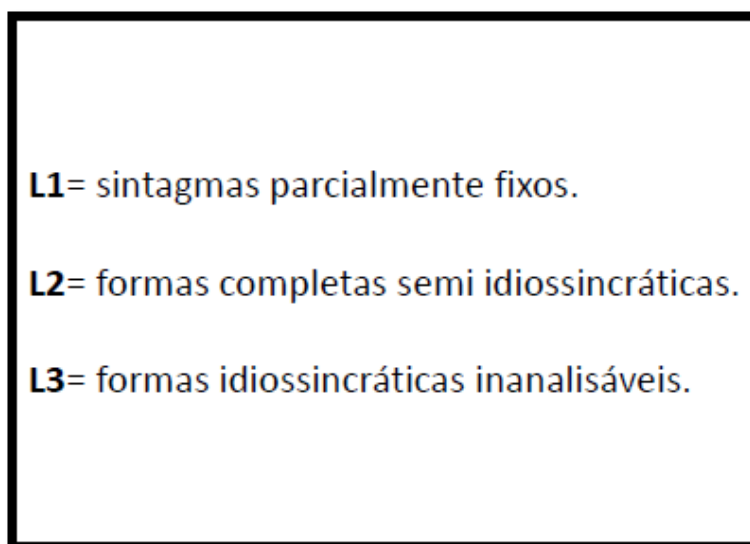
De acordo com Brinton e Traugott (2005), os itens lexicais são abertos e seus membros são livres e podem ser combinados de diversas maneiras permitidas pela sintaxe, enquanto que as classes gramaticais são fechadas e seus membros minimamente livres, não podendo ocorrer permutações no sintagma.

Ainda sobre lexicalização, Martelotta (2011) a define como um processo criador de novos elementos lexicais, modificando ou combinando elementos já existentes. O sentido da construção deixa de ser entendido a partir das partes da construção, e a interpretação semântica passa a ser da unidade lexical que se formou, a construção como um todo.

Ao longo do tempo, alguns itens que sofrem lexicalização podem se tornar altamente idiomáticos. Um olhar sincrônico pode dar a impressão de que não há iconicidade, ou seja, alguma motivação, como no exemplo encontrado no corpus, “lua de mel”. Porém, em uma análise diacrônica, de acordo com a linha funcionalista, pode ter havido alguma motivação inicial, mesmo que depois de lexicalizada, a nova construção não seja completamente previsível a partir dos seus constituintes.

Observar o discurso é muito importante nos estudos de fenômenos relacionados à gramaticalização e à lexicalização, pois os humanos tendem a utilizar um referencial mais concreto para algo mais abstrato. A partir da criatividade dos seres humanos, se inicia a lexicalização, aqui estudada, e por meio da repetição estes fenômenos linguísticos se confirmam. A perspectiva de base funcional e centrada no uso procura entender qual foi a motivação inicial destes processos, e a arbitrariedade que pode se desenvolver ao longo do tempo.

Analisamos as construções binominais qualitativas segundo a análise de Brinton e Traugott (2005), os itens do léxico podem enquadrar-se em uma escala que varia de um nível mais transparente (L1) até o mais idiossincrático (L3).



Esquema 1- Níveis de Lexicalização

Separamos ainda as construções em níveis de mudança, conforme os níveis estabelecidos por Traugott (2008). São eles:

Macroconstruções – Esquemas, macro estruturas que são o quadro global, aonde as mudanças particulares podem ser descritas. Pares forma-sentido, que são definidos pela estrutura e função.

Exemplo: Construções Binominais Qualitativas, do tipo N1 de N2.

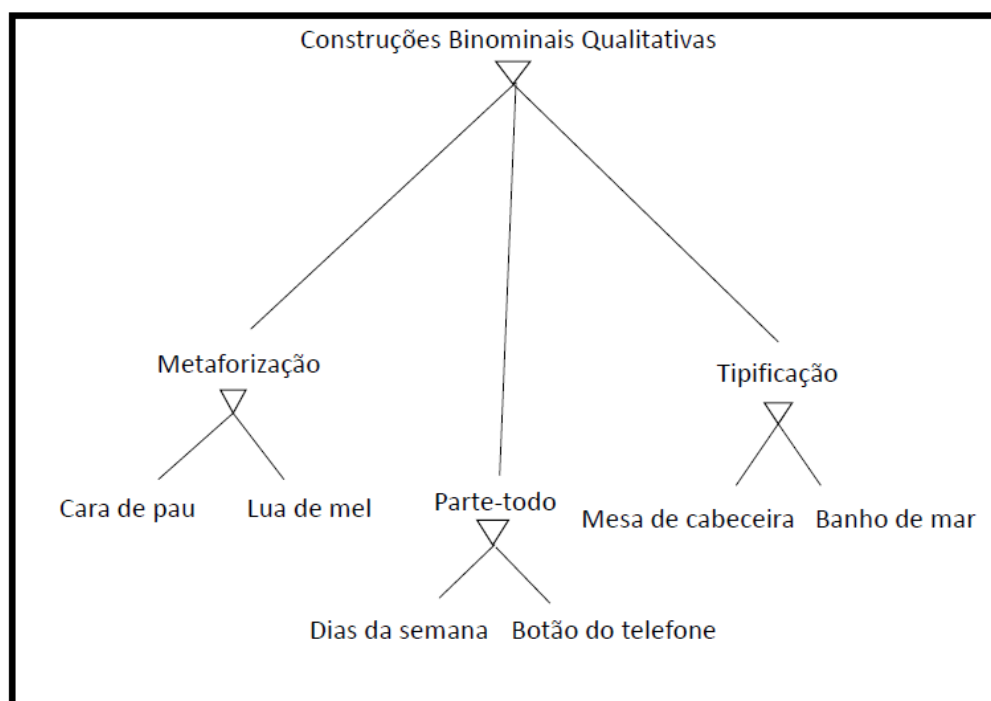
Mesoconstruções- Mudanças gerais em subconjuntos, que se comportam similarmente. Neste trabalho estabelecemos as seguintes mesoconstruções: *Metaforização*, *Parte-todo* e *Tipificação*.

Microconstruções- Tipos de construções individuais.

Exemplo: Latinha de Anchovas (*Parte-todo*).

Construtos- Os *tokens* empiricamente testados, que são o *locus* da mudança.

Exemplo: Latinha de Anchovas (*Parte-todo*).



Esquema 2- rede conceptual Construções Binominais Qualitativas

5- Metodologia

A pesquisa foi realizada com base no livro de crônicas “Em algum lugar do paraíso”, de Luis Fernando Verissimo. O livro possui uma linguagem menos formal e retrata fatos do cotidiano, o que proporcionou um bom número de dados para a análise qualitativa, e também para a avaliação dos níveis de lexicalização das construções binominais. Encontramos 224 dados que foram distribuídos em níveis hierárquicos de mudança (Traugott, 2008) e graduados em níveis de lexicalização (Brinton e Traugott 2005).

Como ponto de partida utilizamos a proposta de Goldberg (1995; 2006) sobre Gramáticas das Construções, que nos diz que o sentido da construção não pode ser depreendido analisando-se palavra por palavra. Vejamos o trecho a seguir:

“O diabo é que a gente sempre tem na cabeça um **banho de mar** *perfeito* que nunca se repete. O meu aconteceu em Torres, Rio Grande do Sul, em algum ano da década de 50.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 19.).

Percebemos no trecho exposto acima, que o adjetivo *perfeito* qualifica toda a construção e não somente *mar* ou *banho*, o que significa que os elementos do sintagma estão combinados de tal modo, que entendemos o significado da construção como um único bloco.

Partindo desta análise, acreditamos que as construções binominais qualitativas podem sofrer lexicalização, processo no qual, há a formação de novos itens lexicais a partir de palavras que já existem (Martelotta, 2011). Procuramos, então, classificá-los segundo a análise de Brinton e Traugott (2005), que postulam que os itens do léxico podem enquadrar-se em uma escala que varia de um nível mais baixo de lexicalização até o mais lexicalizado (L1 > L2 > L3), em que temos uma variação de um nível mais transparente (L1) até o mais idiossincrático (L3).

Em nossa análise, consideramos que no nível L1 ainda poderia haver inserções de palavras entre os sintagmas; palavras que tendem a aparecer juntas, frequentemente, em um sintagma, e formam expressões do cotidiano; além de sintagmas parcialmente fixos, classificados no nível L1, que não são construções idiomáticas, por exemplo, “passagem do tempo”. No nível L2, encontramos exemplos como “mesa de cabeceira”, sintagma mais complexo que L1, cujos elementos são mais coesos e semi-idiossincráticos, e a possibilidade de inserção ou deslocamento na construção é improvável. O nível L3 assemelha-se ao nível L2, no entanto, com uma idiomaticidade muito maior, sem que seja possível fazer inferências sobre como aquela construção possui este significado, como por exemplo, em “lua de mel”. São formas idiossincráticas não analisáveis, como no exemplo encontrado, “Cara de pau”.

Ao analisarmos os dados encontrados, percebemos que existiam grupos de dados que possuíam características semelhantes. A fim de entender melhor como ocorre a lexicalização, utilizamos a proposta de Traugott (2008), que diz que podemos estabelecer quatro níveis hierárquicos de mudança nas construções, são eles: macroconstruções, mesoconstruções, microconstruções e construtos.

Desta forma, dividimos nossa macroconstrução, as binominais qualitativas, que encontradas no *corpus* em três tipos de mesoconstruções: uma de caráter metafórico, aqui chamada de *Metaforização*, e duas de caráter não metafórico, nomeadas *Parte-todo* e *Tipificação*. Seguem, então, as subseções que compreendem essas mesoconstruções categorizadas.

5.1. Mesoconstruções

5.1.1. Metaforização

Segundo Lakoff e Johnson (2002), o princípio da metáfora é compreender e experienciar as coisas através de outras. Entendemos que, neste tipo de mesoconstrução, existe, entre N1 de N2, uma relação envolvendo o uso de palavras que designam ações, características, ou sentimentos humanos atribuídos a itens abstratos ou, então, abarcando propriedades que não são comumente atribuídas ao N2. Sendo assim, acreditamos que se trata de uma forma de utilizar uma situação já conhecida pelo falante para expressar outra. Isto pode ser visto em (3):

- (3) Me abandona, abandona as crianças, fica dez anos sem dar notícia e ainda tem o desprate, a **cara de pau**, o acinte, a coragem de reaparecer deste jeito? (VERISSIMO, 2011. Pág. 125).

Podemos perceber que o N2, *de pau*, é um sintagma que caracteriza o N1, *cara*, o qual não pode ser entendido de forma literal, e sim metaforicamente. Dessa forma, a construção destacada ganha um novo sentido, transcendendo a literalidade de uma justaposição semântica e resultando num significado integrado.

5.1.2. Parte-Todo

Pode-se dizer que, neste tipo de mesoconstrução, N1 é constituinte semântico de N2, formando, dessa forma, um componente do todo de N2. Entendemos que N1 está inserido, de alguma maneira, em N2, seja para delimitá-lo, fazendo parte do que

entendemos como *frame* deste todo, ou como um fragmento material, como podemos ver no trecho abaixo:

- (4) E Guizael propôs um negócio ao homem estranho. Uma parceria na venda. Ele multiplicaria os potes de coalhada, e os pães, e os peixes, e transformaria a água em vinho, e Guizael economizaria na **farinha dos pães** e no leite da coalhada, e não dependeria mais dos seus fornecedores de peixes e de vinho. (VERISSIMO, 2011, Pág. 79)

Nesse trecho, percebemos que o N1, *farinha*, é componente do todo, *pães*, sendo, ainda, um constituinte material do preparo deste alimento, estando, desta maneira, inserido literalmente neste N2.

5.1.3. Tipificação

Neste conjunto de mesoconstrução, há, entre N1 e N2, uma relação de detalhamento. Dessa forma, o N2 estabelece qual o tipo de N1, exercendo uma espécie de diferenciação, já que esse N2 opõe-se a outro tipo de N2, o que pode ser visto em (5).

- (5) Como eu faço pra ligar pra fora? Esses hotéis modernos... Espera um pouquinho. O que eu estou fazendo num hotel? Fui dormir ontem à noite na minha cama e acordo numa **cama de hotel**? Ou não foi ontem à noite, já se passaram dias e eu é que não me lembro? (VERISSIMO, 2011, Pág.23)

Através dessa passagem, percebemos que a expressão destacada é constituída de um N1, *cama*, que possui caráter mais genérico e que é semanticamente especificado pelo N2, *de hotel*, que o tipifica. Vale dizer, ainda, que ao pormenorizar o N1, há possibilidade de oposição de significado entre o exemplo trazido e outros casos com distintos especificadores.

Nestas mesoconstruções, ainda foi possível estabelecer alguns subconjuntos com características mais específicas. Como veremos abaixo:

5.2. Metaforização

a) Personificação:

(1) “Que terça é o dia mais sem graça que existe, sem a gravidade de uma segunda — dia de remorso e decisões — e o **peso da quarta**, que centraliza a semana (pelo menos em Brasília), ou a concentração da quinta, ou a frivolidade da sexta.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 7).

b) Tempo/espço:

(2) “Podemos escolher nosso destino, desenhar nossos próprios meridianos e paralelos e prováveis novos mundos. É verdade que a **passagem do tempo** não se mede apenas pelo retorno dos domingos, também se mede pela degradação orgânica, e que a cada domingo estaremos mais perto daquela outra sombra, a que nunca acaba, suspiro e reticências.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 7).

c) Hipérbole:

(3) “Na nossa **fome de coordenadas** no tempo nos convencemos até que dias da semana têm características. Que uma terça-feira, por exemplo, não serve para nada” (VERISSIMO, 2011, Pág. 7).

d) Metonímia:

(4) “E na seção de importados. É isto mesmo, gente. Vocês estão vendo um fracassado numa crise emocional e conjugal. Estas anchovas norueguesas são um símbolo do meu fracasso. Do **fracasso de um casamento**. Do fracasso de uma vida. Estas aqui, ó.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 28).

e) Especificação Metafórica:

(5) “Quarta ou quinta noite da **lua de mel**. Bom como nunca tinha sido antes, nem no namoro. A janela aberta, um único grilo prendendo a noite lá longe,

como um alfinete de som, e os dois suados e abraçados na cama do hotel-fazenda.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 162).

5.3. Parte-todo

a) Parte do que o todo é feito:

(6) “Ele multiplicaria os potes de coalhada, e os pães, e os peixes, e transformaria a água em vinho, e Guizael economizaria na farinha dos pães e no **leite da coalhada**, e não dependeria mais dos seus fornecedores de peixes e de vinho.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 79).

b) Parte do frame do todo:

(7) “O telefone. Vou apertar o **botão do telefone** e ver o que acontece. Alguém vai ter que atender. Alguém vai ter que me dar explicações.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 23).

c) Delimitação do todo:

(8) “— É uma lata verde, Luiz Otávio. Procura bem que você acha.
— **Lata de ervilha**, aqui, só tem... Deixa ver. Pode ser esta? Dabeng?”
(VERISSIMO, 2011, Pág. 27).

5.4. Tipificação

a) Caracterização:

(9) “Que uma terça-feira, por exemplo, não serve para nada. Que terça é o dia mais sem graça que existe, sem a gravidade de uma segunda — **dia de remorso e decisões** — e o peso da quarta, que centraliza a semana (pelo menos em Brasília)...” (VERISSIMO, 2011, Pág. 7).

b) Especificação:

(10) “E usou o batom da mãe? Ih, cuidado, uma surra agora pode deflagrar um processo de introjeção edipiana e traumatizá-lo para sempre. Também fui da primeira geração que, com a invenção da **calculadora de bolso**, não precisou decorar a tabuada. Resultado: cresci sem a noção de duas coisas importantíssimas: pecado e matemática.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 49).

c) Identificação:

(11) “— Luiz Otávio, essas ervilhas são colhidas uma a uma por virgens no Tibete. São caríssimas. Sai daí, Luiz Otávio. Procura as ervilhas na **seção de enlatados nacionais**.

— Epa! Olha o que tem aqui. Anchovas norueguesas. Lembra, bem?” (VERISSIMO, 2011, Pág. 27).

d) Atribuição:

(12) “Ela entrou devagarinho. Como se, além de ser o avesso do seu, o **apartamento de Sérgio** pudesse conter outras surpresas. O chão podia estar no teto e o teto no chão.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 137).

Identificadas nossas mesoconstruções, procuramos entender se algum conjunto ou subconjunto dos dados estaria mais propenso a se lexicalizar. Fizemos, então, o cruzamento entre as mesoconstruções e os níveis de lexicalização. A seguir apresentaremos os resultados.

6- Análise de dados

A seguir encontram-se os dados classificados nas mesoconstruções:

6.1. Uso metafórico:

6.1.1. Análise da mesoconstrução *Metaforização*

Metaforização	Número de dados	Níveis de Lexicalização		
		L1	L2	L3
Personificação	13	12	1	0
Tempo/espço	4	4	0	0
Metonímia	2	2	0	0
Hipérbole	5	5	0	0
Especificação Metafórica	9	3	3	3
Total:	33	26	4	3

Tabela 1: Metaforização x Níveis de Lexicalização

Podemos perceber que em *Metaforização*, a maior parte dos dados se encontra no subconjunto *Personificação*, com 39,3 % dos dados. Neste subconjunto encontramos 92,3% dos dados em L1 e apenas 8,7% em L2. Em *Tempo/espço* encontramos 100% em L1, assim como em *Metonímia* e *Hipérbole*. Em *Especificação Metafórica*, encontramos 3 dados em cada nível, estabelecendo assim um equilíbrio total entre os níveis, é somente neste subconjunto que encontramos dados no nível mais lexicalizado, o L3, como podemos ver no gráfico a seguir:

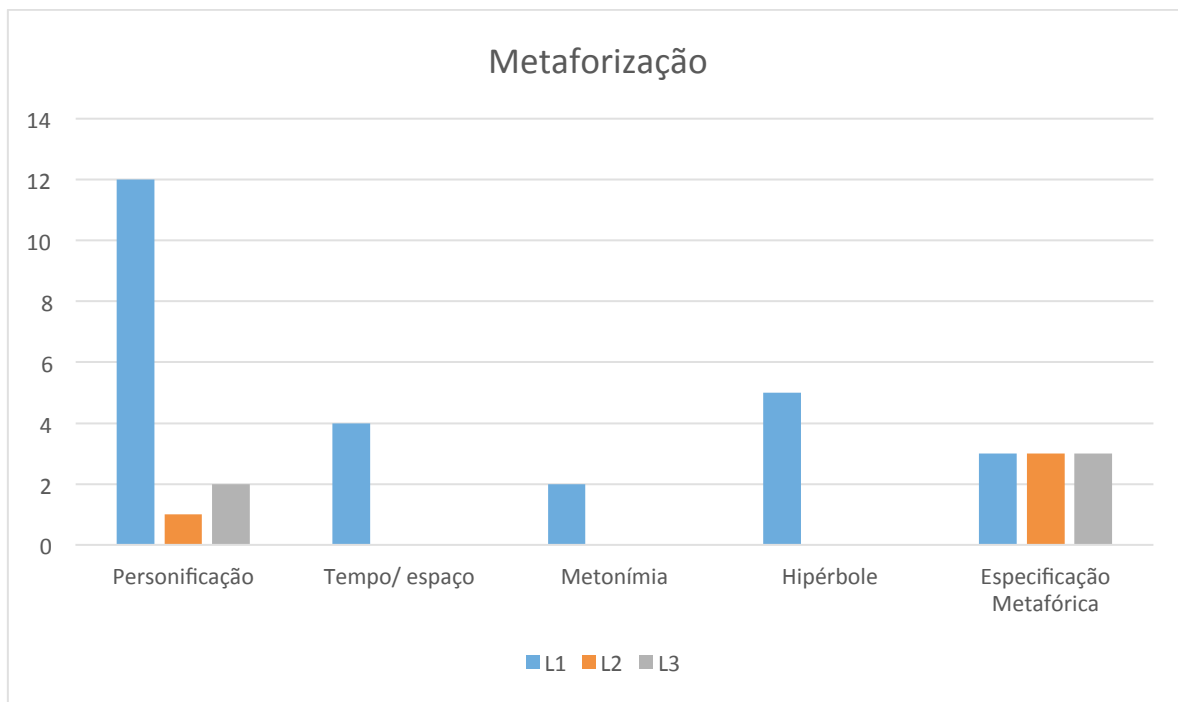


Tabela 1- Metaforização

6.2. Uso não metafórico

6.2.1. Análise da mesoconstrução *Parte-todo*.

Parte-Todo	Número de dados	Níveis de Lexicalização		
		L1	L2	L3
Parte do que o todo é feito	5	5	0	0
Parte do frame do todo	17	8	9	0
Delimitação do todo	21	12	9	0
Total:	43	25	18	0

Tabela 2: Parte-Todo x Níveis de Lexicalização

Analisando esta tabela percebemos que o subconjunto *Delimitação do todo*, possui o maior número de dados, com quase a metade da porcentagem total (48,8%).

Quanto aos níveis de lexicalização, podemos ver que todos os dados do subconjunto *Parte do que o todo é feito* estão no nível L1, em *Parte do frame do todo* há, praticamente, um empate na distribuição dos dados com 47% dos dados no nível L1 e 53% no nível L2. Não encontramos dados no nível L3.

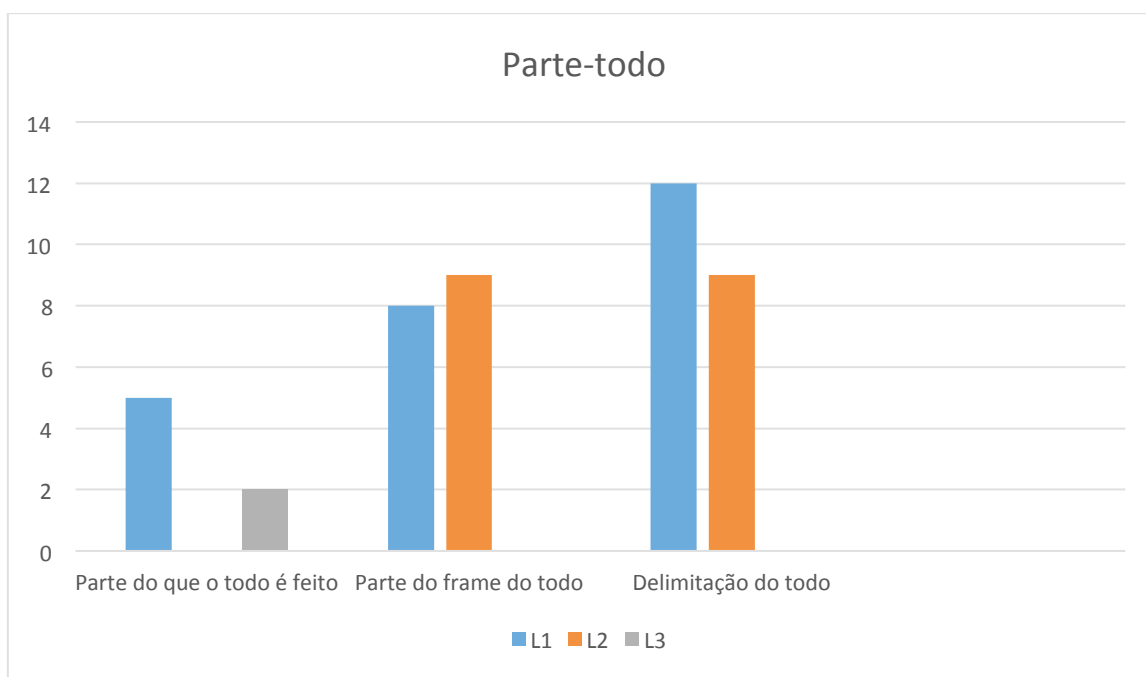


Tabela 2- Parte-todo

6.2.2. Análise da mesoconstrução *Tipificação*.

Tipificação	Número de dados	Níveis de Lexicalização		
		L1	L2	L3
Caracterização	28	20	8	0
Especificação	50	19	31	0
Identificação	31	27	4	0
Atribuição	39	11	28	0
Total:	148	77	71	0

Tabela 3: Tipificação x Níveis de Lexicalização

Nesta última meso-construções, vimos que o subconjunto *Especificação* apresenta a maior porcentagem dos dados, 33,8%. Encontramos neste subconjunto, 62% do total no nível L2 e 38% dos dados no nível L1. Em *Caracterização*, vimos 71,4% dos dados no nível L1 e 29,6% dos dados no nível L2. Em *Identificação*, encontramos 87% em L1 e 23% em L2. No ultimo subconjunto, *Atribuição*, percebemos a maior parte dos dados no nível L2, com 71,8% e 29,2% em L2.

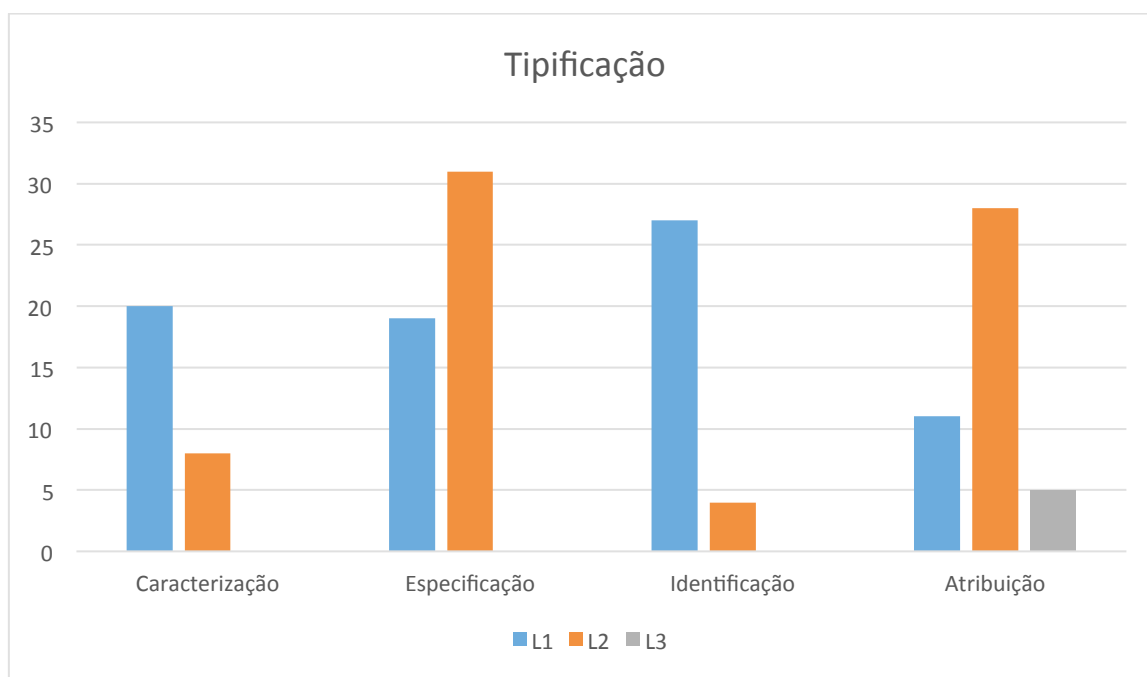


Gráfico 3- Tipificação.

6.3. Resultados

A seguir demonstraremos o resultado cruzamento entre as mesoconstruções e os níveis de lexicalização e a análise do determinante,

Mesoconstruções	Níveis de Lexicalização		
	L1	L2	L3
Metaforização	26	4	3
Parte-Todo	25	18	0
Tipificação	77	71	0
Total:	128	93	3

Tabela 4: Meso-construções x Níveis de Lexicalização

A maioria dos dados da meso-construção *Metaforização* se encontra no nível L1, o menos lexicalizado com 78,8 % do total, 12,2% dos dados no nível L2 e 9% dos dados no nível L3, o mais lexicalizado. Enquanto que na meso-construção *Parte-Todo*, podemos ver que a maior parte dos dados também se encontra no nível L1, 58% e no nível L2, 42%. Porém nesta meso-construções há um equilíbrio maior entre os primeiros níveis e nenhum dado encontrado no nível mais lexicalizado (L3). Quanto aos níveis de lexicalização, assim como em *Parte-todo*, em *Tipificação* não encontramos nenhum dado no nível L3. E nos níveis L1 e L2, obtivemos resultados muito próximos com 52% e 48%, respectivamente.

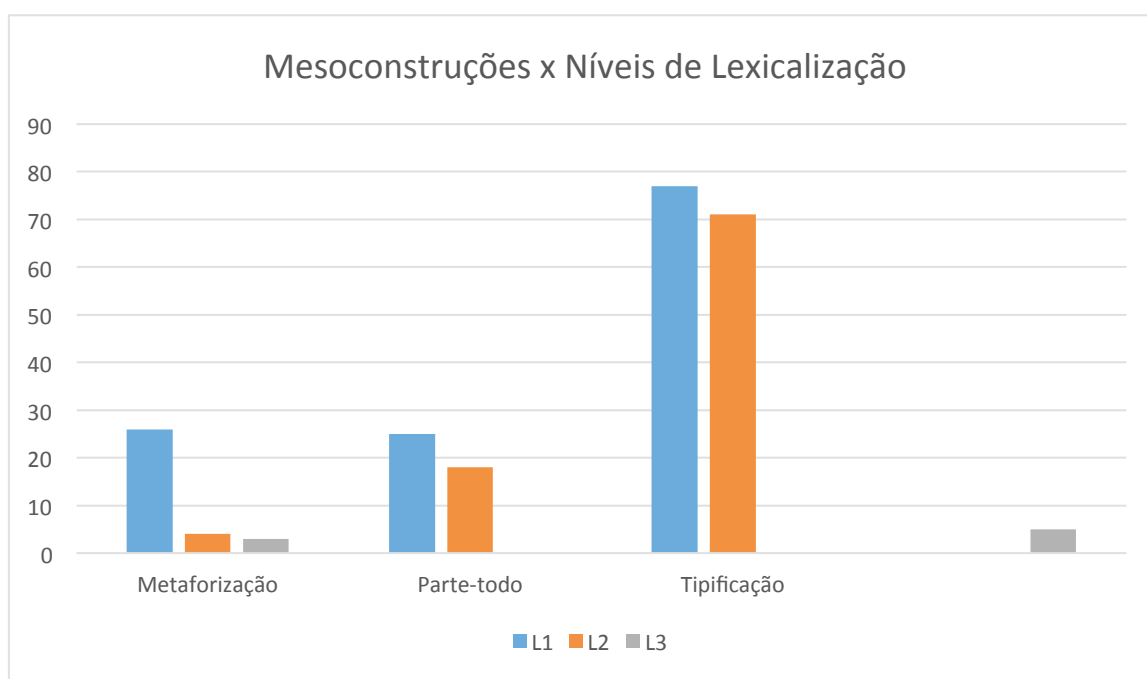


Gráfico 4- Mesoconstruções X Níveis de Lexicalização

Percebemos na análise de dados que as mesoconstruções *Parte-todo* e *Tipificação* possuem a maior parte dos dados no nível L1. No entanto, no nível L3, encontramos apenas dados da mesoconstrução *Metaforização*, localizados no subconjunto *Especificação Metafórica*. Logo, nesta análise primária, concluímos que as metáforas, presentes extensivamente na nossa comunicação, estão mais propensas a um nível maior de lexicalização do que as outras mesoconstruções e o subconjunto *Especificação* pode estar propenso ao nível L3, já que na mesoconstrução *Tipificação*, este subconjunto também possui uma porcentagem alta no nível L2 (62 %), a maior porcentagem no nível de todos os subconjuntos.

Analizamos também a presença do determinante nas construções. Na presente pesquisa, algumas tendências foram reveladas. Construções com a presença de um determinante em contração com a preposição *de* são menos lexicalizadas do que construções sem determinante. O exemplo catalogado, “compras de natal” é uma expressão geral, designada para expressar as compras de uma época do ano, portanto, é uma construção mais propensa a estar lexicalizada. No entanto, se fosse “compras do Natal”, o artigo definido *o* especificaria qual o natal e este não seria genérico e sim determinado, estando, desta forma, provavelmente em um nível menos lexicalizado. Veremos abaixo a porcentagem da presença/ausência do determinante nas construções binominais qualitativas encontradas no *corpus*.

	Números de dados	%
Construções sem determinante	98	44
Construções com determinante	126	56
Total	224	100

Tabela 5 – Construções com/sem determinante

A tabela a seguir demonstra claramente o que foi dito acima. Percebemos na análise, que no nível L1, 68 % das construções possuem determinante e apenas 32% não possuem. No entanto, nos níveis mais lexicalizados percebemos o contrário. No nível L2, 57% das construções não possuem determinante e 43% possuem. O nível L3, que

apresenta construções mais lexicalizadas, 100% das construções não possuem determinante. Esses dados confirmam a premissa de que nas construções mais lexicalizadas e mais gerais, os determinantes são menos presentes.

Níveis de Lexicalização	Construções sem determinante	Construções com determinante
L1	32%	68%
L2	57%	43%
L3	100%	0%

Tabela 6: Presença/ausência do determinante x Níveis de Lexicalização

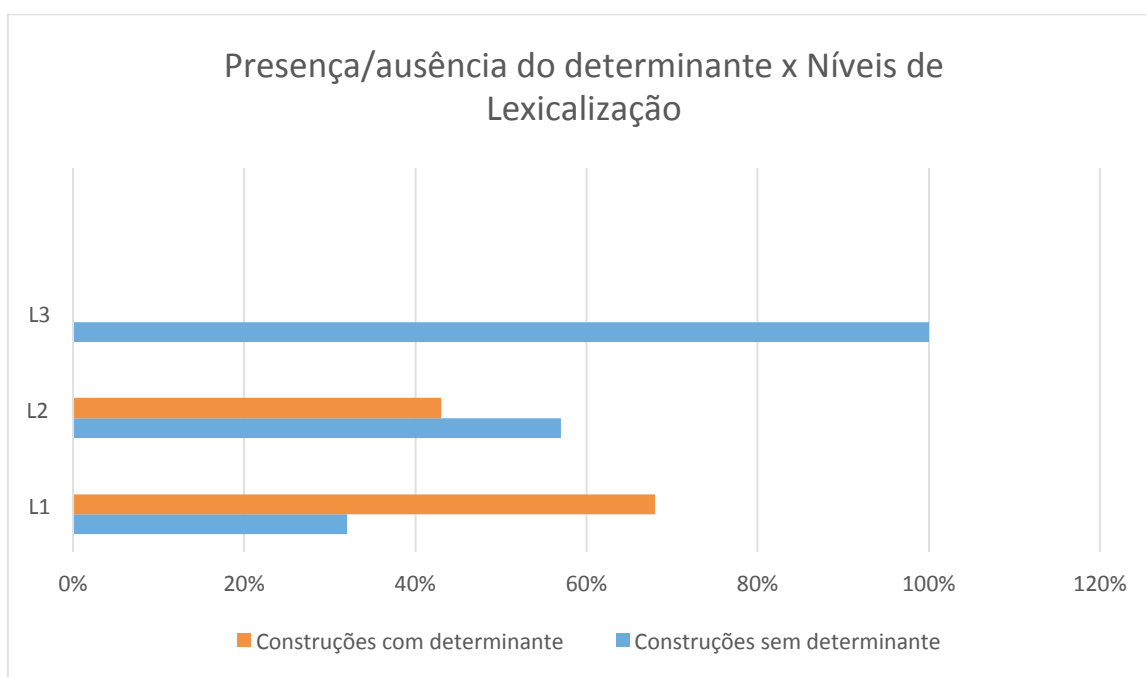


Gráfico 5: Presença/ausência do determinante x Níveis de Lexicalização

7- Considerações Finais

Partindo de uma análise sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso, tivemos como objetivo neste pesquisa entender quais os tipos de construções binominais que estariam mais propensas a se lexicalizar. Após a coleta de dados e observar os contextos em que os mesmos se encontravam, procuramos separá-los em grupos de construções, que tivessem características em comum.

Após este momento, julgou-se necessário uma nova análise, na qual percebemos que dentro dos grupos, ainda poderíamos estabelecer subconjuntos, que possuem em comum características ainda mais específicas. Após classificar os dados das mesoconstruções, a que nomeamos metaforização, parte-todo e tipificação e seus respectivos subconjuntos elencados acima, percebemos que o primeiro grupo, o de metáforas, está mais propenso à lexicalização. De maneira ainda mais específica, os dados classificados no nível L3 (o mais lexicalizado), se encontram no subgrupo especificação metafórica, que possui como exemplos cara de pau, lua de mel e quarteto de cordas. Observamos, ainda, neste trabalho, a presença e ausência do determinante. A premissa de que construções mais lexicalizadas não possuiriam o determinante se confirmou após a análise dos dados.

No âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, o tema, aqui estudado, ainda não foi muito explorado. Desta forma, esta pesquisa pôde contribuir, ainda que, a partir de uma análise pequena, um pouco para a literatura de construções binominais qualitativas. Espero poder continuar desenvolvendo pesquisa na área, pois ainda há bastante o que se falar sobre assunto, e muitas questões a serem respondidas. Este tema é extremamente amplo, e fornece dezenas de possibilidades de análise.

8- Referências Bibliográficas:

ALONSO, Karen S. B. *Construções Binominais Quantitativas e Construção de Modificação de Grau: uma abordagem baseada no uso*. 2010.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: Joseph, B.; Janda, R. (eds). *A handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

Bybee, J. (2003). Cognitive processes in grammaticalization. In Michael Tomasello, ed., *The new psychology of language: Cognitive and functional approaches to language structure*. Volume 2. Mahwah, NJ: Erlbaum.

BRINTON, L. J.; TRAUGOTT, E. C. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, William; CRUSE, Alan D. *From idioms to construction grammar*. In: *Cognitive Linguistics*. Cambridge, 2004.

FRIED, M. To appear in Graeme Trousdale & Thomas Hoffmann (eds.) *The Oxford handbook of Construction Grammar*. Czech Academy of Sciences, Prague. Oxford University Press. Final draft.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

_____ *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad.: Grupo de estudos da Indeterminação e da metáfora (sob a coordenação de Maria Sophia Zanotto) e Vera Maluf. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ., 2002

MARTELOTTA, M. E. *Mudança Linguística: Uma Abordagem Baseada No Uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

TOMASELLO, Michael. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Cambridge/London: Harvard University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. “Grammaticalization, constructions and the incremental development of degree modifiers in English”. IN: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (eds.). *Variation, selection, development – probing the evolutionary model of language change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. pp. 219-250.

TRAUGOTT, E. “ Toward a Coherent Account of Grammatical Constructionalization” Draft for a volume on historical construction grammar edited by Elena Smirnova Jóhanna Barðdal, Spike Gildea, and Lotte Sommerer, March 2nd 2012.

TROUSDALE, E “Grammaticalization, constructions and the grammaticalization of constructions”. University of Edinburgh

VERISSIMO, Luis Fernando. *Em algum lugar do paraíso*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.